



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-ESPANHOL**

KÁTIA CRISTINA CAVALCANTE LIMEIRA

**ECOCRÍTICA E ECOFEMINISMO NA AMÉRICA LATINA:
O GERMINAR DE TEXTOS E VOZES FEMININAS NAS SALAS DE ELE.**

CAMPINA GRANDE

2022

KÁTIA CRISTINA CAVALCANTE LIMEIRA

**ECOCRÍTICA E ECOFEMINISMO NA AMÉRICA LATINA:
O GERMINAR DE TEXTOS E VOZES FEMININAS NAS SALAS DE ELE.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura em Língua Espanhola.

Orientador: Prof. Alessandro Giordano

CAMPINA GRANDE

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L733e Limeira, Katia Cristina Cavalcante.
Ecocrítica e ecofeminismo na América Latina [manuscrito] :
o germinar de textos e vozes femininas nas salas de ELE /
Katia Cristina Cavalcante Limeira. - 2023.
33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Alessandro Giordano,
Coordenação do Curso de Letras Espanhol - CEDUC. "

1. Ecocrítica. 2. Ecofeminismo . 3. Ensino de língua espanhola . 4. Didática. I. Título

21. ed. CDD 372.6561

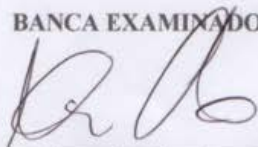
KÁTIA CRISTINA CAVALCANTE LIMEIRA

**ECOCRÍTICA E ECOFEMINISMO NA AMÉRICA LATINA:
O GERMINAR DE TEXTOS E VOZES FEMININAS NAS SALAS DE ELE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras – Espanhol da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduado em
Licenciatura em Língua Espanhola.

Aprovada em: 15/12/2024.

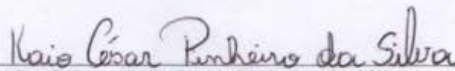
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me Alessandro Giordano (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Thales Lamonier Guedes Campos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Kaio César Pinheiro da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Consagro meu trabalho, a Nossa Senhora das Graças, agradeço a Deus por ter me sustentado e me guiado até aqui. E aos donos do amor e olhares mais doce, forte e inesquecível que pude conhecer, dedico este trabalho aos meus avós maternos, Severino Eufrásio do Nascimento (in memorian) e Maria de Lourdes Limeira Eufrásio.

“A situação do espanhol no início do século XXI no Brasil é de bonança, de auge e de prestígio”. SEDVCIAS (2005).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNE - Conselho Nacional de Educação

ELE - Espanhol como Língua Estrangeira

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

TCTs - Temas Contemporâneos Transversais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 MEIO AMBIENTE E LITERATURA: A ECOCRÍTICA	10
2.1 Breve histórico dos problemas ambientais e situação	10
2.1.1 A relação entre Meio Ambiente e Literatura	11
2.1.2 Ecocrítica	13
3 FEMINISMO, CRÍTICA E LITERATURA FEMININA NA AMÉRICA LATINA	14
3.1 Feminismo: Breve histórico.....	14
3.2 A crítica feminina na América Latina	16
3.3 A literatura de autoria feminina na América Latina	16
4 ECOFEMINISMO	19
5 A ECOCRÍTICA E O ECOFEMINISMO NA AMÉRICA LATINA COMO FERRAMENTA NAS AULAS DE ELE: UMA PROPOSTA DIDÁTICA.....	21
6 CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICE A	31

ECOCRÍTICA E ECOFEMINISMO NA AMÉRICA LATINA: O GERMINAR DE TEXTOS E VOZES FEMININAS NAS SALAS DE ELE.

Katia Cristina Cavalcante Limeira ¹

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, propõe aprofundar o conhecimento crítico da possível relação entre a literatura e o meio ambiente, com uma abordagem interdisciplinar. Para isso, no início deste estudo se teve a preocupação em trazer um histórico dos problemas ambientais assim como sua situação atual, nessa pesquisa procuramos conhecer o movimento feminista, tentando evidenciar acontecimentos que marcaram a trajetória do movimento, além de reconhecer a luta pelos seus direitos na sociedade, seguida da representação feminina na literatura da América Latina, entendendo suas dificuldades enquanto mulher escritora. Nessa pesquisa, desejamos estudar para ampliar o debate sobre a ecocrítica e o ecofeminismo e que possibilitemos através desse estudo o ELE. Nosso argumento é fundamentar como funciona essa relação no ensino da língua espanhola. Adotaremos, assim, uma sequência didática, não para fazer uma análise literária, mas para despertar como a poesia temática, contribui para os estudos literários em nível de América latina, como também para o ensino de ELE. Para enriquecimento da discussão, utilizamos como aporte teórico: Pott e Estrela (2017), Cabanillas, Cisotto e Moreira (2011), Correia (2019), Almeida (2008), Sores (2009), Brito (2021), Movilla (2018) e Aquino (2019), Costa (2019), Penteado e Rosa (2010).

Palavras-chave: Ecocrítica. Ecofeminismo. Ensino de língua espanhola. Didática.

RESUMEN

El presente trabajo de finalización del curso, se propone profundizar en el conocimiento crítico de la posible relación entre literatura y medio ambiente, con un enfoque interdisciplinario. Para eso, al inicio de este estudio, la preocupación fue traer un histórico de las problemáticas ambientales, así como su situación actual, en esta investigación buscamos conocer el movimiento feminista, tratando de resaltar hechos que marcaron la trayectoria del movimiento, además de reconocer la lucha por sus derechos en la sociedad, seguida de la representación femenina en la literatura latinoamericana, entendiendo sus dificultades como mujer escritora. En esta investigación queremos estudiar para ampliar el debate sobre la ecocrítica y el ecofeminismo y que hagamos posible la ELE a través de este estudio. Nuestro argumento es fundamentar cómo funciona esta relación en la enseñanza de la lengua española. Adoptaremos, por tanto, una secuencia didáctica, no para hacer un análisis literario, sino para despertar cómo la poesía temática contribuye a los estudios literarios a nivel de América Latina, así como a la enseñanza de ELE. Para enriquecer la discusión, utilizamos como soporte teórico: Pott e Estrela (2017), Cabanillas, Cisotto e Moreira (2011), Correia (2019), Almeida (2008), Sores (2009), Brito (2021), Movilla (2018) e Aquino (2019), Costa (2019), Penteado e Rosa (2010).

Palabras clave: Ecocrítica. Ecofeminismo. Enseñanza del lengua española. Didáctica

¹ Graduanda em Licenciatura com habilitação em Língua Espanhola, na Universidade Estadual da Paraíba- UEPB – Campos I. e-mail: katia.limeir@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Desde a metade do século passado, após a Revolução Industrial na Inglaterra, a transição da produção por meio da manufatura para a produção industrial, possibilitou um grande desenvolvimento tecnológico, garantindo o surgimento da indústria e a consolidação no processo de formação do capitalismo.

Diante deste cenário, a economia passou a ser prioridade frente ao zelo pela qualidade de vida ambiental e humana, resultando em consequências drásticas como: a poluição dos rios, do solo e do ar, por meio do descarte inadequado de resíduos poluentes ao meio ambiente. Tais consequências foram o despertar para que a comunidade civil, científica e política abrissem os olhos para a necessidade de se pensar em uma sociedade comprometida com as questões ambientais, visando as gerações futuras.

Sendo a arte reflexo da cultura e da história (do presente e do passado de um povo), devemos estar conscientes de que através dela não se pode modificar a realidade. E a literatura enquanto dispositivo/meio artístico, nos proporciona não só o contato com a nossa história, como também nos permite reavaliar a nossa vida e comportamento.

Dentre os vários campos de estudo da literatura, como uma nova escola da crítica literária surge a ecocrítica, que explora os modos como imaginamos e retratamos a relação entre os seres humanos e o meio ambiente, e em todas as áreas da produção cultural, inspirando os movimentos ambientalista como também fazendo a crítica. Na América Latina, a ecocrítica aparece como um espaço lato e fértil. Do ponto de vista etimológico, ela nasceu da junção de duas palavras – “Ecologia” e “Crítica”, em 1978. E foi citada pela primeira vez por William Rueckert. Os ecocríticos ou estudiosos desse âmbito da literatura analisam textos que ilustram preocupações ambientais e analisam as várias formas de como a literatura aborda os temas voltados para a natureza.

A arte literária, está associada a análise e leitura de textos, fazendo-se presente nos vários gêneros literários, onde os temas ambientais podem vir a se fazerem presentes. A questão ambiental é um tema obrigatório, pois compromete a nossa e as futuras gerações, bem como a qualidade de vida de todos os seres vivos do planeta. (MACHADO, 2012, *apud* POTT. ESTRELA, 2017. p. 271).

Os temas sobre o meio ambiente, surgem com mais expressões entre 1960 e 1970, com os movimentos ambientalistas, e as críticas literárias feministas, denominadas como ecofeminismo e os termos pertencentes à relação entre a literatura e o meio ambiente.

A sensibilidade feminina, com o desejo de melhoria de vida tem sido determinante no empoderamento do ecofeminismo:

Ecofeminismo baseia-se não apenas no reconhecimento das ligações entre a exploração da natureza e a opressão das mulheres ao longo das sociedades patriarcais. Baseia-se também no reconhecimento de que essas formas de dominação estão ligadas à exploração de classe, ao racismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo. (GAARD & MURPHY, 1998, *apud* SOARES 2014. p. 03)

Com destaque de várias líderes no mundo desde o ano de 1974, a relação, a sintonia e a peculiaridade da figura da mulher associada à própria natureza, nos mostra de forma natural o cuidado com a família, o lar, e o trabalho. Hoje, é possível ver que assim como a mulher é desrespeitada e explorada, nossa natureza também é. E tudo isso acontece ao mesmo tempo em que ambas têm a missão de preservação e continuidade da espécie.

Observa-se a necessidade de ampliação das informações sobre a ecocrítica e o ecofeminismo visto que há poucas informações e escritos sobre essa literatura no cotidiano dos nossos estudos. Partindo do pressuposto que há muito a se falar dessa relação entre literatura e meio ambiente, este projeto levanta essa questão ao reconhecer a necessidade e a dificuldade de compreensão desta relação e apresenta-se na condição de mais uma ferramenta de aprendizado, investigação e interpretação sobre o movimento ecocrítico, o ecofeminismo na América Latina, demonstrando suas formas específicas e detalhes dessa relação durante as aulas de ELE.

A língua espanhola é considerada uma das mais faladas no mundo, seu ensino pode ser considerado como sendo uma ferramenta interdisciplinar para realização de uma constante em educação ambiental, além disso permite, novas formas de aprendizado, quanto a promoção de uma educação menos fragmentada, o presente trabalho busca, à língua espanhola como meio ou vetor para a sensibilização das questões ambientais na realidade escolar a partir da literatura. Desta forma, queremos nas aulas de ELE ter como objetivo despertar o interesse dos alunos a crítica, o conhecimento, a compreensão do movimento feminista, a igualdade de gênero, o empoderamento feminino, e as questões ambientais.

Como objetivo principal, queremos trabalhar a teoria crítica ecofeminista nas aulas de ELE, tendo como objetivos específicos: i) Apontar as contribuições da Ecocrítica ao Ensino da Literatura nas aulas de ELE; ii) Apresentar a América Latina como espaço discursivo amplo e altamente fértil para a ecocrítica; iii) Analisar a posição crítica dos alunos em relação entre literatura e meio ambiente, de forma simples e reflexiva no processo ensino-aprendizagem no ELE, conforme nos trazem os PCN; iv) desenvolver as cinco competências linguísticas (compreensão auditiva, compreensão leitora, expressão oral e escrita e interação comunicativa); v) Despertar o interesse nas aula de ELE pelas questões ambientais, despertando a alfabetização ecológica.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos, no primeiro momento situamos o leitor fazendo um breve histórico dos problemas ambientais ocorridos em alguns países, além dos acordos e conferências que marcaram o despertar de novos pensamentos em prol da natureza, como também um olhar sobre a atualidade, para isso utilizamos como aporte teórico Pott e estrela (2017), Cabanillas, Cisotto e Moreira (2011) em Correia (2019), ainda neste capítulo abordamos a relação entre meio ambiente e literatura e de acordo com esse contexto ainda neste primeiro momento se faz necessário trazer como se deu o surgimento, conceituando o que é a ecocrítica, utilizamos Almeida (2008), Sores (2009) e Correia (2019).

O capítulo seguinte, traz uma abordagem teórica sobre o feminismo, iniciando como um contexto histórico trazendo o surgimento do movimento feminista, citando suas fases e algumas personalidades desse movimento, nos baseamos em Brito (2021), em seguida é abordado a nível de América Latina sobre a crítica e a literatura de autoria feminina também na América Latina, como base teórica temos Brito (2021).

No quarto capítulo, apresentamos sobre o ecofeminismo, descrevendo o que é? E como surgiu o movimento? Citando suas vertentes para isso usamos como aportes teóricos Soares (2009), Movilla (2018) e Aquino (2019).

No quinto e último Capítulo, apresentamos uma proposta didática, antes de nos deter a nosso plano, ao longo desse capítulo também buscamos trazer o fundamental papel do educador no processo ensino-aprendizagem e a importância de trabalhar a ecocrítica e o ecofeminismo nas turmas de ELE, como referências temos Costa (2019), Penteadó e Rosa (2010), em seguida sugerimos algumas possibilidades de atividades baseadas na Ecocrítica nas classes ELE de

forma integrada com o cinco habilidades linguísticas (audição e compreensão de leitura, expressão oral e escrita e interação comunicativa) e posicionamento crítico.

Desta forma, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre a importância da preservação do meio ambiente realizando um trabalho interdisciplinar que integre o ensino do espanhol, da literatura e a educação ambiental, pretendendo refletir sobre a crise ambiental atual, assim, promover a transformação em cidadãos conscientes, engajados em busca da defesa, mudanças e trabalhos sociais voltados à valorização e reconhecimento mantenedor da vida ambiental, animal e humana.

2 MEIO AMBIENTE E LITERATURA: A ECOCRÍTICA

2.1 Breve histórico dos problemas ambientais e a situação atual

Como forma de melhor iniciar esta discussão, torna-se indispensável trazer um breve histórico de alguns desastres ambientais, como também citar os diferentes acordos e conferências, que chamaram atenção e preocupou a sociedade a respeito das questões ambientais. De acordo com Pott e Estrela (2017), partindo da Revolução industrial, da década de 1960 até os anos 90, os acordos, convenções e leis foram surgindo com a finalidade de um melhor desenvolvimento econômico que tivesse menos impacto para o meio ambiente e o homem. No mundo, alguns episódios marcaram como sendo grandes desastres ambientais como na Bélgica em 1930, a poluição atmosférica no Vale do *Meuse*; em Londres, no ano de 1952 *Smog* também conhecida como “a nevoa matadora”; no Japão na Baía de Minamata, em 1956, alguns casos de contaminação da água que ocasionou a morte de aproximadamente 5 mil pessoas. Pelo mundo ocorreram vários acordos e conferências como forma de ajudar os países nas diretrizes referentes as políticas globais de proteção ambiental.

Segundo Cabanillas, Cisotto e Moreira (2011), o início dos movimentos ambientalistas no mundo acontece a partir de um primeiro trabalho publicado em 1962, conhecido como *Silent Spring* (Primavera silenciosa), escrito por Rachel Carson, este aponta os impactos dos pesticidas no meio ambiente, sobretudo no efeito sobre as aves, e acabou se tornando um marco no movimento, depois, um relatório, chamado "Clube de Roma", descreveu o possível esgotamento dos recursos naturais e degradação irreversível do ambiente.

Aproximadamente na década de 1970, foi instituído o "dia da Terra", que seria comemorado na data 22 de abril de todo ano. Já no ano de 1972, aconteceu a Reunião de Estocolmo, ou seja, a Conferência das Nações Unidas sobre o Homem e o Meio Ambiente. No ano de 1992, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, acontece então a Rio-92, nessa reunião foram firmados cinco documentos importantes: Declaração do Rio, Agenda 21, Declaração de Florestas, Convenção sobre Mudanças Climáticas e Convenção sobre Biodiversidade, tendo estas suas diretrizes próprias. Em 1997, foi firmado um acordo mundial através do Protocolo de Kyoto, um dos desmembramentos da Rio-92, que estabelecia metas para redução de gases de efeito estufa. Em 1998 surge o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), onde um grupo de pesquisadores que estudavam as mudanças climáticas e sua relação com ações antrópicas.

Uma década após a Rio-92, no ano de 2002, ocorreu a Rio +10, ou reunião do Desenvolvimento Sustentável, sediada em Johannesburgo, na África do Sul, cujo objetivo foi avaliar o progresso estabelecidos na Rio-92, a partir da Agenda 21. E as últimas tendências para se guiar o movimento dos governos na questão ambiental passaram pela 15ª Conferência das Partes das Nações Unidas, realizada em Copenhague, na Dinamarca, em 2009.

Em sua 27ª edição, a Conferência das Partes das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, a COP (*Conference of the Parties*), ocorreu do dia 6 a 18 de novembro de 2022, no Egito. Teve como lema Juntos para a implementação. O objetivo desta Conferência foi debater medidas para conter as mudanças climáticas, ou seja, uma discussão da redução dos gases do efeito estufa, a adaptação climática, a parceria para conter o aquecimento global e o impacto climático na questão financeira. Esta também tratou de temas específicos: financiamento, ciência, juventude e próximas gerações, descarbonização, adaptação, agricultura, gênero, água, energia e biodiversidade.

Nas questões ambientais, as palavras: ecologia, biodiversidade, natureza, preservação, sustentabilidade, vida e água, nunca tiveram tanta evidência e importância, em virtude do contexto vivido hoje, pela humanidade, numa ameaça contínua de destruição do seu habitat.

O momento atual, no que se refere a meio ambiente, é reflexo de uma série de erros e decisões tomadas no passado. Encontramo-nos num ponto em que devemos basicamente reduzir os impactos desses erros, que nos foram deixados como legado, por uma geração, e trabalhar sob o enfoque da prevenção e da precaução para que as mesmas falhas não sejam repetidas. (MACHADO, 2012, *apud* Pott e Estrela, 2017, p. 271).

Neste contexto, da situação atual do meio ambiente, Correia (2019) declara que hoje, com a conjuntura em que se encontra os problemas referentes ao meio ambiente como a exploração desenfreada dos recursos naturais, contaminações dos rios e mares, na produção de resíduos sólidos, no uso exagerado de energia e de água, na produção de CO₂ pelas indústrias e pelos automóveis que desgastam a camada de ozônio e aumentam o efeito estufa, é de responsabilidade do homem, a partir das suas escolhas, insensibilidade, comodidade e consumismo. Já na contemporaneidade, nos chama atenção e nos aponta o capitalismo como um dos maiores problemas ambientais: Há um aumento do consumo de bens que acarretam grandes impactos ambientais” e que “a economia está impulsionada para o consumo. (ALIER, 2014, *apud* CORREIA, 2019. p. 10).

Acrescenta ainda que o capitalismo tem como meta o lucro imediato e isso induz de forma irracional o consumista a necessidade do ter de forma excessiva. Desta forma, podemos dizer que é urgente e grave a situação dos problemas ambientais com a desordem que estes vem causando em todo mundo, assim:

Não temos como negar que a exploração desmedida dos recursos da natureza, o aumento descontrolado da população, a pobreza, a poluição, entre outros fatores que desencadearam e acentuaram os problemas do meio ambiente, geraram uma insustentabilidade ambiental, instaurando, dessa maneira, uma crise, forçando, portanto, a criação de novas reflexões acerca da preservação dos insumos naturais em níveis globais”. (BUGGER, 2004, *apud* CORREIA, 2019, p.10).

Ao olharmos a situação atual do meio ambiente, a impressão é que as pessoas não têm o olhar de que ele faz parte de um todo e que precisa dele para sobreviver, porém o homem vive em um dualismo constante entre o direito de explorar e o dever de preservar. A sustentabilidade, seria então o ponto de equilíbrio entre o econômico, o social e o ambiental, mas a balança do capitalismo é de difícil calibração em consequência do setor econômico, baseado no consumo da sociedade, que é cada vez mais intenso.

2.1.1 A relação entre Meio Ambiente e Literatura

No início pode parecer que a relação entre literatura e meio ambiente (denominado ECOCRÍTICA) não tenha nada a ver, mas o estudo da natureza na literatura vem desde o nascimento da poesia, na Grécia. A ecocrítica trata-se de um campo interdisciplinar que recebe influência e consegue comunicar-se com vários campos científicos e do saber que vai se expandido até as ciências humanas como, por exemplo: a biologia, a ecologia, as engenharias, a meteorologia, a sociologia, a história, a antropologia, a geografia, a letras e educação, além da filosofia e da religião.

Pode-se dizer que literatura e natureza caminham juntas desde que o homem tentou traduzir o mundo de alguma forma, como se pode ver nas escritas rupestres. Observando a mitologia, vê-se que sempre houve uma tentativa de explicar o universo e todos os seus fenômenos. Assim, o meio ambiente, que ora parece tão distante da arte literária, na verdade, sempre a acompanhou e alimentou de inspiração os seus criadores. [...] A natureza sempre fez parte da literatura, porém nem sempre foi abordada sob uma mesma perspectiva, ou seja, a forma de concebê-la no período medieval não tem o mesmo interesse da clássico-renascentista, assim como o olhar romântico sobre a natureza não é o mesmo que hoje se tem sobre o meio ambiente. (ALMEIDA, 2008. p. 9-10).

A literatura está a serviço do pensamento, e o pensamento é o responsável por despertar em nós a conscientização da importância da nossa natureza, como a sua preservação.

Voltaram durante muito tempo e, ainda hoje, se voltam os estudos ecológicos, não raramente, apenas para o registro ambiental sem considerarem que as relações entre os seres humanos e o meio ambiente envolvem, necessariamente, as relações sociais e a construção das subjetividades. Segundo, porque os estudos literários parecem desconhecer, conforme nos indica Cheryl Glotfelty em 1996, a primeira lei da ecologia formalizada de modo simples por um dos mais respeitados ecologistas, Barry Commoner: “todas as coisas são interligadas umas com as outras” (GLOTFELTY, 1996, *apud* SOARES, 2009. p. 01).

Portanto, segundo Soares (2009) a partir dessa inquestionável interligação, podemos compreender que a literatura não flutua acima do mundo material em algum éter estético, ao invés disso, tem um papel num sistema global imensamente complexo, no qual energia, matéria, e ideias interagem.

Almeida (2008), afirma que a literatura através de sua peculiaridade, aponta a visão do homem em cada ocasião e concede a possibilidade de imaginar sua realidade em uma perspectiva universal, que faz parte da arte literária como sendo uma arte presente a qualquer tempo e espaço. Deste modo o autor fica livre para que em seu texto relate as situações vividas em determinadas épocas nos mais variados sentidos: ético, político, social, ambiental, sentimental, religioso, psicológico, mitológico, geográfico e histórico. A produção literária, portanto, “transfigura a realidade haja vista que nela veem-se refletidos todos os enigmas bem como todos os fenômenos que cercam a vida humana, sendo assim, a literatura através da palavra.”

O homem é um ser que vive em constante transformação tanto na perspectiva socioeconômica quanto intelectual e espiritual. Está sempre em conflito com a sua posição no mundo, porque ao tentar traduzir-se, sempre se depara com os paradoxos do próprio ser e a dualidade que lhe é inerente. Assim evidencia-se a aproximação entre o racional e o irracional e a quebra da fronteira que separa o homem do bicho e vice-versa, daí a relevância de uma pesquisa sócio-ambiental. (ALMEIDA, 2008. p. 14).

Para Correia (2019), é de grande valia o estudo da inter-relação entre o homem e o meio ambiente, na pertença de ligação afetiva com os elementos naturais que vai desde o seu olhar até o comportamento perante ela, essa interligação homem e natureza poderá induzir a idealização de um homem ecológico, crítico, e participativo, tornando-o influente no desenvolvimento de uma sociedade justa, igualitária e ecologicamente equilibrada.

2.1.2 Ecocrítica

Em seus estudos, Correia (2019), relata que foi aproximadamente nos anos 80 que especialistas iniciaram os trabalhos no campo dos estudos literários e meio ambiente, apesar de estudiosos já virem produzindo por conta própria conteúdos como críticas e teorias ecológicas. Soares (2009) cita:

Deixar-se conduzir, nos estudos literários, por questões que envolvem o que desde sempre esteve ligado, o poético e o ecológico – se compreendermos a ecologia como morada (oikia) da linguagem (logos), enquanto força de criação, poética (SOARES, 2009. p. 01)

Do ponto de vista etimológico, a ecocrítica nasceu da junção das palavras – “Ecologia” e “Crítica”, em 1978. Segundo Correia (2019), a palavra ecocrítica foi citada pela primeira vez por William Rueckert, em seu ensaio: *“Literature and Ecology: an experiment in Ecocriticism”*, porém só em 1996 é que a ecocrítica foi inclusa oficialmente como ramo dos estudos literários, a partir da publicação da professora Cheryll Glotfelty, no volume de ensaios: *The Ecocriticism Reader Landmarks in Librery Ecology*, ela define a ecocrítica como: *“The study of the relationship between literature and the physical environment”* – “o estudo das relações entre a literatura e o meio ambiente físico”.

Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para a sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra (Idem, ibidem). (CORREIA.2019. p. 18)

Conforme descreve Correia (2019), a ecocrítica foi criada por um grupo de estudantes preocupados com as questões ambientais da época, tendo a natureza como sendo importante parte integral e definitiva da cultura e da vida, a partir de então, no ano de 1993, surge o ISLE (Estudos interdisciplinares de Literatura e Meio Ambiente), com a missão de promover a troca de ideias e informação relativa a literatura considerando a relação entre os seres humanos e o mundo natural.

A ecocrítica é uma modalidade de análise confessadamente política, como sugere a comparação com o feminismo e o marxismo e que os ecocríticos vinculam explicitamente as suas análises culturais a um projeto moral e político “verde”. (CORREIA, 2019. p. 18)

Para Correia (2019), a ecocrítica é uma escola crítica interdisciplinar que está fundamentada nas ciências da vida, da filosofia e das ciências sociais, que tem seu objeto um discurso transformador que nos possibilita analisar e criticar onde vivemos, tornando-se um instrumento atual junto aos movimentos ambientais a responder sobre a crise ambiental. Com isso, é possível observar que a ecocrítica busca a mudança de padrões, prezando na atualidade por uma expansão ética na literatura e sobretudo na relação homem natureza que sofre diante dos atos de degradação, além disso permite explorar textos que retratem a natureza de formas

diferentes, promovendo a conscientização de preservação e a sua exploração de forma positiva, ou seja, a ecocrítica expande a noção de mundo para incluir toda a ecossfera.

É possível observar que nos estudos sobre a ecocrítica, enxerga-se como a literatura interfere e contribui com os estudos sobre meio ambiente, e a forma com que a mesma sensibiliza os leitores em relação ao tema, concluindo-se que esta abordagem abre espaço para uma revisão de conceitos importantes de temas atuais como o aquecimento global, as chuvas ácidas, a destruição das florestas, a extinção das espécies, etc. e que hoje, ao vivermos em uma era de crise ambiental, a ecocrítica é um nome que implica uma alfabetização mais ecológica do que seus defensores agora possuem, ressaltando que o objeto de análise da ecocrítica são os problemas ecológicos e não os de ecologia.

3 FEMINISMO, CRÍTICA E LITERATURA FEMININA NA AMÉRICA LATINA

3.1 Feminismo – Breve Histórico

Como forma de melhor abordar a admissão e visibilidade feminina no campo da literatura é preciso de forma resumida abordar os principais pontos histórico-social dos avanços pelos movimentos feministas a partir da década de 70. De acordo com Brito (2021), por muitos anos, os direitos das mulheres foram vetados. Apenas homens tiveram acesso e direito à educação, à jornada de trabalho, ao voto e à diversas leis que cabiam exclusivamente ao sexo masculino. Às mulheres, cabiam-lhes apenas o papel de mãe, dona de casa e esposa e ao homem caberia garantir proteção e sustento. Depois de muitos anos de lutas, as mulheres pouco a pouco passaram a dominar outras áreas para garantir a sua independência financeira e profissional, assim como o comando familiar, antes tarefa reservada aos homens.

Ao ecofeminismo, cabe ressaltar de forma breve a história do feminismo, trazendo um pouco de sua trajetória e entender um pouco a luta das mulheres no mundo. De acordo com os escritos de Brito (2021), o termo “feminismo” foi cunhado pelo filósofo francês Charles Fourier (1772-1837), passando a ser utilizado no final do século XVIII. Várias mulheres se destacaram e marcaram na história como por exemplo: Marx Wollstonecraft, Flora Tristán; Clara Zetkin; Alexandra Kollontai; Emma Goldman; Sojourner Truth; Simone de Beauvoir; Betty Friedan; Kate Millet; e Shulamith Firestone, estas com o objetivo de impulsionar e lutar a favor dos seus direitos, ganhando força sobretudo na Europa, e principalmente EUA e Reino Unido.

O cenário começa a mudar quando é publicado por Marie Gouges (1748-1793), mais conhecida como Olympe de Gouges, em resposta à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, o primeiro documento no qual se referia à igualdade jurídica entre ambos os sexos, em 1791: *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* (Declaração dos direitos da mulher e da cidadã). Por outro lado, “a mulher entra no cenário político, nos Estados Unidos e na Inglaterra, somente na segunda metade do século XIX” (SILVA, 2009). Assim sendo, após a divulgação do documento e morte da autora, o movimento foi marcado em três momentos denominados de primeira onda feminista, segunda onda feminista e terceira onda feminista. (BRITO,2021. p .14).

O feminismo, de acordo com Brito (2021), é caracterizado por três momentos: o primeiro, ocorrido entre os séculos XVIII, XIX e início do XX, diz respeito à luta pela igualdade dos direitos políticos e trabalhistas; O movimento feminista da primeira onda, tem seu início no século XIX, na Inglaterra, motivadas por diversas repressões resultadas das exigências de direito que eram privadas apenas para os homens. A partir de então, as mulheres passam a

reivindicar direitos igualitários no casamento, na educação e o direito ao voto. Neste primeiro momento, o feminismo foi marcado pelo movimento sufragista, este composto por mulheres intelectuais, brancas de classe média, que protestava a divisão sexual dos papéis exercidos entre homens e mulheres, como também a liberdade, os direitos políticos. De forma geral, esta primeira fase é tida como conservadora, referindo-se a divisão sexual dos papéis de gênero.

O segundo momento, que acontece entre 1960 e 1980, foi ligado à sexualidade e ao combate à violência; essa segunda onda, conhecida como o feminismo radical, ocorreu na década de 60 e vai até meados da década de 70 do século XX, período marcado pelos estudos femininos na situação da mulher na sociedade patriarcal, pela luta por direitos reprodutivos e respeito a sexualidade. Esse período ainda foi marcado por diversos protestos, nos anos de 1968 e 1969, nos Estados Unidos após o concurso de beleza Miss Estados Unidos com a justificativa de que as mulheres deveriam seguir padrões de beleza, tratando-as como objetos. Nesta segunda onda, procurava-se os problemas de desigualdade atrelado ao conjunto de problemas culturais e políticos, encorajando mulheres a serem politizadas e a combaterem as estruturas sexistas de poder. Com o Feminismo Interseccional estimulou-se a reflexão das mulheres acerca das desigualdades entre os sexos, a opressão das estruturas sociais, relacionando etnia, raça, gênero e classe social às relações de poder.

A terceira – e atual – onda também de acordo com Brito (2021), tem início nos anos 90 e sua principal característica se deu através da análise das diferenças entre as mulheres. Com o objetivo de correção das fases anteriores na missão de juntar a pluralidade de mulheres de identidades variadas: as mulheres negras, homossexuais e transexuais, mulheres que antes não pertenciam à classe média, considerando raça, cor e religião, tornando-se no feminismo igualitário ou no feminismo da diferença.

O terceiro momento foi marcado por uma concepção pós-estruturalista, abordando, principalmente, as micropolíticas, nas quais refletiam acerca do bem-estar feminino, dado que todas as atividades políticas tinham o objetivo de ampliar as ações afirmativas e o aprimoramento da legislação de proteção à mulher através de acordos com os governos locais. Isto só foi possível através da discussão acerca da identidade de gênero, pois se torna essencial para que, através de reivindicações sociais, se possa formar um projeto político para todas. BRITO, 2021. p.16).

Como conclusão, podemos dizer que o feminismo é um movimento social, protagonizado por mulheres que reivindicam a igualdade social, política e jurídica desde a sua origem. Brito (2021), acrescenta ainda que este proporcionou para mulheres negras, intelectuais, mães, homossexuais, etc., um ambiente de mudança no papel da mulher em diversas perspectivas.

No breve histórico do feminismo e as ondas que o compõem, nota-se que as lutas das mulheres pela igualdade de gênero sempre estiveram presentes nas diversas pautas apresentadas ao longo de décadas, reivindicando direitos iguais, com o objetivo de buscar cada vez mais a transformação da sociedade através da luta pelo fim do sistema opressor. É, entretanto, a contar do reconhecimento de que as mulheres ocupam espaços inferiores que o feminismo passa a atuar na sociedade, tornando-se decisivo para a inclusão, na agenda pública, dos direitos sexuais e reprodutivos, a saúde da mulher e a violência doméstica. (BRITO, 2021. p.17).

Apesar, do passar dos tempos, as mulheres ainda hoje não ocupam lugares de destaque, muitos dos seus direitos ainda são questionados, são muitas as incertezas que as cercam. O ativismo do movimento nos mostra pontos positivos e eficiências nas suas ideias como: campanhas de empoderamento, a conscientização contra a violência doméstica e o assédio

sexual nas ruas, nas casas, nos transportes públicos, nos trabalhos e nos vários outros ambientes frequentados por mulheres.

3.2 A crítica feminina na América Latina

De acordo com o trabalho de Brito (2021), os movimentos feministas na América Latina surgem a partir da segunda onda, mais ascendente na década de 1960. No continente houve várias mudanças sociais, culturais e políticas, mesmo prevalecendo nos países latinos o machismo por parte do Estado e da Igreja católica. Com o decorrer do tempo a atuação das ditaduras militares, nos países da América Latina como: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Guatemala, Paraguai, Peru e República Dominicana, as mulheres procuravam se encontrar, porém sofriam por causa da censura, da violência e do conservadorismo:

Nesses encontros, compartilhavam diferentes perspectivas a fim de construir meios políticos e culturais alternativos. Assim, a luta pelo fim da ditadura tornou-se um dos principais elementos dos feminismos latino-americanos e assim vem se fortalecendo graças a permanência ativa das mulheres que enfrentaram a ordem vigente nesses países e que, desde então, lutam por melhores condições de vida para as mulheres. (BRITO, 2021. p. 18).

Muitas autoras se destacaram durante este período na América Latina, e uma das obras de mais destaque na época foi: *La sartén por el mango*, escrita por Elena González e Eliana, além disso outras autoras que são citadas e que trazem a proposta da releitura influenciadas pelas francesas e anglo-americanas a exemplo de: *La crítica literaria feminista y la escritora en América Latina*, de Sara Castro Klaren, e *Las tretas del débil*, de Josefina Ludmer, Sylvia Molloy e Beatriz Sarlo no livro *Women's writing in Latin American* (1991).

Com o estabelecimento da democracia e dos movimentos sociais, observamos a relevância com as diferentes formas de uma participação maior nas assembleias, fóruns, conferências, etc. E está sendo através desses, que a cada dia os movimentos latino-americanos vem se fortalecendo. Destaca-se ainda que, os movimentos feministas anticolonial e antipatriarcal esteve lutando na América Latina em buscar de assegurar os direitos das mulheres.

Os movimentos feministas na América Latina:

(...) se enfrentaron a un movimiento “en transición” hacia nuevas formas de existencia, que comenzaron a expresarse en diferentes espacios y con distintas dinámicas: desde la sociedad civil, desde la interacción con los Estados, desde su participación en otros espacios políticos o movimientos, desde la academia, desde el llamado ‘sector cultural’.” (CAROSIO, 2014, *apud* BRITO, 2021, p.19).

A crítica feminista na América faz um uso amplo das teorias europeias e norte-americanas. Todavia, hoje, é necessário “estabelecer um *corpus* teórico, fundamentado em suas respectivas circunstâncias, que apresente, portanto, as especificidades culturais latino-americanas”. (SILVA, 2009, *apud* BRITO, 2021, p.20).

Desta forma Brito (2021), ressalta que existia a vontade da execução de um projeto de maior reforma social, onde as mulheres obtivessem direitos e permitissem o envolvimento dos setores populares

3.3 A literatura de autoria feminina na América Latina

Para a mulher alcançar a independência, sempre foi um caminho muito árduo de lutas por seus direitos. Com o seu espaço na literatura como um todo não foi diferente, muito menos na América Latina. Ao longo da história é possível encontrar o relato de escritoras que tiveram suas obras deixada de lado, sem ter o devido reconhecimento e sua importância.

De acordo com Brito (2021), a literatura feminina carrega sentido e conceitos políticos que estão associados a luta por direito e igualdade:

(...) o termo 'feminino' vem sendo associado a um ponto de vista e a uma temática retrógrada, o termo 'feminista', de cunho político mais amplo, em geral é visto de forma reducionista, só no plano das ciências sociais. Entretanto, deveria ser aplicado a uma perspectiva de mudança no campo da literatura. A acepção de literatura 'feminista' vem carregada de conotações, sendo, em geral, associada à luta pelo trabalho, pelo direito de agremiação, às conquistas de uma legislação igualitária ao homem no que diz respeito a direitos e deveres. ” (LOBO, 2011, np, *apud* BRITO, 2021, p.22).

Os escritos de autoria feminina foram por muito tempo rejeitados, isso pelo preconceito e valores patriarcais, de forma que a mulher ocupasse um lugar inferior. Muitas situações são descritas de como tem sido ao longo de todo esse tempo a realidade da literatura de autoria feminina, como por exemplo: assuntos que eram apenas abordados pelos homens nos seus escritos, mulheres com seus escritos marginalizados e silenciados de forma que obtivessem poucos livros publicados, obras que eram direcionadas para tratar do espaço doméstico, e publicações onde as mulheres teriam que usar pseudônimos falsos, masculinos ou até mesmo ficar no anonimato.

De fato, o espaço feminino deve ser centrado exclusivamente na mulher, com o objetivo de trazer consciência feminina e tornar a mulher um ser visível e independente. Nesse ponto, a literatura de autoria feminina é vista como uma contraposição à ideologia autoritária, ao patriarcalismo e ao machismo, contra uma literatura produzida, visibilizada e valorizada em sua maioria por homens. BRITO, 2021, p.22).

Neste contexto, Brito (2021), nos apresenta a escritora britânica Virginia Woolf (1882-1941), como uma grande defensora das mulheres e da literatura feminina da época, onde de fato podia ser visto que para o homem era mais fácil suas opiniões serem acatadas, enquanto que para as mulheres não. Aqui na América Latina, no século XVII destacamos como a primeira escritora feminina a Soror Juana Inés de la Cruz (1651-1695), com o olhar de hoje podemos considerar como uma feminista, era de origem mexicana, e uma religiosa considerada a frente do seu tempo por questionar as normas impostas pela igreja e pela sociedade, como o direito de as mulheres obterem a educação, da mesma forma que era concedida aos homens. Seu poema *Hombres Necios*, tornou-se uma de suas principais obras.

As mulheres escritoras da América latina foram impulsionadas a partir dos acontecimentos como a Revolução francesa e industrial na Europa, a mudança tem início a partir da educação, de forma que elas começam a ser protagonistas de sua própria identidade e liberdade, aponta Brito (2021), citando ainda que algumas autoras mesmo de forma discreta se destacaram na história da literatura hispano-americana no século XIX, como: Gertrudes Gómez de Avellaneda (Cuba 1814-1873), Juana Manuela Gorriti (Argentina 1818-1892),

Maria Firmina dos Reis (Brasil 185-1917), Mercedes Cabello de Carbonera (Perú 184-1909), Lindaura Anzoátegui (Bolívia 1846-1898), Clorinda Matto de Turner (Peru 1858-1909), e Adélia Zamudio (Bolívia 1854-1928).

As mulheres a exemplo das citadas anteriormente, por terem suas obras silenciadas e se deterem apenas ao meio familiar, encontravam sempre um meio de produzir e expor nos seus diários e cartas uma forma de escrever sobre literatura e o lar. Somente entre os anos 60 e 70, é que as mulheres obtiveram um melhor avanço nas suas produções, com mais liberdade para estudar, e conseguir sua autonomia e independência financeira. Já na década de 80, a literatura de autoria feminina conquista mais espaço no mundo das letras, através do aumento das publicações, divulgações e recuperação de produções que haviam sido deixadas para trás, deixando a partir de então a autoria feminina em destaque nesta década.

A reflexão perceptível que nos traz BRITO (2021) a respeito da escrita feminina, é como pouco se dedicaram a escrita sobre a história das mulheres e seus feitos. Deste modo a autora destaca que:

De acordo com Zinami (2006), há uma relação entre a literatura de autoria feminina com a história da América Latina a partir da crítica de como a história foi escrita. Por certo, opina Guardia (2013, p.16), é necessária uma literatura reescrita por mulheres: “(...) uma nova maneira feminina de abordar o pensamento crítico, com uma orientação que permita conhecer e compreender esse outro lado da história surgido de outra margem”. A autora acrescenta ainda a relevância de textos escritos por mulheres: “(...) ler os textos escritos pelas mulheres, interpretando seus silêncios, e aquilo que criticam e interrogam da cultura tradicional, como meio de substituir o discurso falocêntrico e apropriar-se de uma identidade que lhe tem sido negada.” (GUARDIA, 2013, p.16 *apud*, BRITO, 2021, p.26).

Portanto, em relação a literatura de autoria feminina, podemos afirmar que ela é influenciada pela ideia do movimento feminista que é a busca pelos direitos a igualdade, pelo reconhecimento e pelo espaço retratando tudo isso de forma reflexiva em suas obras através de seus posicionamentos perante a sociedade e que muitas das vezes narram sua própria história.

A literatura feminina é feita através das experiências adquiridas ao longo dos anos nesse sistema vigente e opressor, fazendo com que a mulher seja ela mesma o seu próprio sujeito. Concordando com Lobo (2011): “É a consciência que o eu da autora coloca, seja na voz de personagens, narrador, ou na sua persona na narrativa, mostrando uma posição de confronto social, com respeito aos pontos em que a sociedade a cerceia ou a impede de desenvolver seu direito de expressão. Neste sentido, sempre houve autoras "feministas" dentro do contexto de suas épocas, tornando-se o termo impróprio apenas por uma questão cronológica.” (LOBO, 2011, *np apud*, BRITO, 2021. p. 27).

A partir dos estudos referentes a literatura de autoria feminina na América Latina, nota-se que as teorias utilizadas pelos latino-americanos são baseadas em pesquisas de países desenvolvidos, o que, de certa forma, não abarca a realidade literária latino-americana que tiveram suas histórias apagadas e não contadas, e sendo pouco analisadas pela crítica literária até os dias de hoje. Dessa maneira, é necessário “estabelecer um corpus teórico, fundamentado em suas respectivas circunstâncias, que apresente, portanto, as especificidades culturais latino-americanas”.

Com os estudos de BRITO, (2021) foi constatado que na América Latina, os estudos literários de autoria feminina vêm ganhando cada dia mais espaço de forma que ocasiona uma perda na força do privilégio do machismo e patriarcalismo enaltecendo a escrita e leitura da literatura feminina, hoje é possível observar que durante todo este caminho percorrido foi

possível obter várias conquistas, que romperam com resistências, conceitos, e imposições de padrões, obtendo assim a libertação para as mulheres na atualidade.

4 ECOFEMINISMO

No campo dos estudos da relação entre natureza e literatura podemos destacar as críticas literárias escritas pelas ecofeministas, estas associam o meio ambiente e a literatura nos estudos literários com objetivo de lutar pelo empoderamento relacionado as lutas das mulheres em busca de igualdade na sociedade, e a defesa e preservação da natureza, a este movimento denominamos, ecofeminismo.

O ecofeminismo surgiu aproximadamente no ano de 1974, na França, nomeado pela ativista Françoise d'Eaubonne através de um trabalho chamado “Le féminisme ou la mort”, e vai se consolidar enquanto movimento social e teoria crítica, a partir da união entre as lutas feministas e ambientais.

Para Gaard e Murphy (1998), o ecofeminismo:

Baseia-se não apenas no reconhecimento das ligações entre a exploração da natureza e a opressão das mulheres ao longo das sociedades patriarcais. Baseia-se também no reconhecimento de que essas formas de dominação estão ligadas à exploração de classe, ao racismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo. (GAARD & MURPHY, 1998, *apud* SOARES, 2009. p. 03).

Já para Xavier (2022):

Integra uma ideia fundamental, que é a existência de uma interconexão entre a denominação da natureza pelos seres humanos e a dominação feminina aos homens, mostrando a predominância de formas patriarcais na estruturação ocidental, onde mostra a mulher apenas a reprodução social. (XAVIER, 2022. p. 02)

Todos os acontecimentos já mencionados em outro momento neste trabalho referentes aos desastres ambientais, as revoluções, a ciência-tecnológica, acrescento ainda de acordo Movilla (2018), a urbanização e o neoliberalismo, nos chama atenção para os pontos em comum entre a pauta feminina e a destruição da natureza. As mulheres são os maiores alvos a serem atingidas por esta crise, além de que são pioneiras na luta pela justiça da causa ambiental, desta forma surge o ecofeminismo como um campo de compreensão para entendermos os fatores que ocasionou essa ligação e fortalecer a luta destas causas. O feminismo ecológico é a posição segundo a qual existem importantes conexões –histórica, experimental, simbólica, teórica – entre a dominação das mulheres e a dominação da natureza. (WARREN, 1990; *apud* MOVILLA, 2018. p. 06).

Movilla (2018), a teoria crítica ecofeministas é transdisciplinar, enquanto teoria crítica teve sua origem a partir do diálogo das áreas: filosofia, antropologia, história, teologia, física e agronomia. O pensamento ecofeministas atua como um tripé.

Enquanto feminismo tem como ponto de partida a análise de gênero para criticar o sistema de dominação. Enquanto posição ecológica e ambiental reflete sobre a interação entre seres humanos e natureza não-humano. E, enquanto filosofia se vale da “análise dos sistemas humanos de dominação injustificada, o que a autora chamada de ‘ismos’ de dominação”. (WARREN, 2000; *apud* MOVILLA, 2018, p. 07).

Ainda de acordo com Movilla (2018), podemos identificar como sendo tipos de interconexões entre a dominação das mulheres e da natureza: histórica, conceitual, empírica, socioeconômica, linguística, simbólica/literária, espiritual/religiosa, epistemológica, política e ética. As variadas estratégias úteis na argumentação dessas interconexões constituem uma rica e diversa rede de linhas teóricas na literatura ecofeministas. O ecofeminismo está classificado em três vertentes: clássico/essencialista, espiritualista e construtivista/pós-colonial, estas formadas por suas peculiaridades que enxergam as relações de gênero e com o mundo natural.

A visão clássica ou essencialista marcou as primeiras elaborações ecofeministas, hoje não se mostra tão expressiva na academia. As autoras Mary Daly (*“Gyn/Ecology: The Metaethics of Radical Feminism”*, 1978) e Susan Griffin (*“Woman and Nature: The Roaring Inside Her”*, 1978) pautavam um ecofeminismo fundado na reiteração da “natureza feminina”, ou seja, sustentavam um determinismo biológico segundo o qual as mulheres seriam caracterizadas por sua essência passiva, bondosa e maternal e os homens associados a competitividade e destruição. Endossavam o processo de associação do feminino à natureza pelas clássicas dicotomias patriarcais-capitalistas de homem/mulher e cultura/natureza.

A segunda vertente, foi pautada principalmente por autoras latino-americanas e pela indiana Vandana Shiva, surge nos anos 1980, em dois diferentes contextos, com o intuito de recuperar o “princípio feminino” - a energia sutil e vital - existente em todas as coisas. O primeiro cenário dessa tendência foi os Estados Unidos, com o protagonismo de autoras como Starhawk e Z. Budapest, que reivindicavam uma nova espiritualidade através de rituais neopagãos de culto à Deusa, em oposição à figura do Pai Celestial cultuada pelas hegemônicas religiões cristãs.

Ambas vertentes – essencialista e espiritualista - e todas as suas especificidades são constantes alvos de críticas, havendo inclusive aqueles que refutam de imediato o ecofeminismo como um todo por se aterem somente a essas linhas orientadas ao essencialismo. Tais críticas são compreensíveis tendo em vista que, ao se falar de luta político-social contra a dominação masculina, pode ser bastante problemático naturalizar a posição social da mulher como algo determinado por uma força metafísica, sem reconhecê-la também como um esforço do próprio patriarcado para nos condenar à posição que melhor lhe convinha. (MOVILLA, 2018. p.11)

Este terceiro momento, que chamamos de ecofeminismo construtivista/pós-colonial, o ecofeminismo se dedica desde a década de 1980. Temos a dimensão dos fatores sócio ideológico, no sentido de relações sociais construídas e construção simbólica do imaginário e da ideologia, construindo relações de gênero e entre ser humano e natureza.

Em oposição às demais vertentes, o ecofeminismo construtivista, posteriormente também chamado de pós-colonial, ressalta: 1) que não é pela biologia que se dá o vínculo entre mulher e natureza e 2) que tampouco são questões que se dão apenas no plano simbólico-ideológico. Essa vertente surge para entrelaçar ao debate as condições materiais históricas que levaram a essa dominação conjunta, trazendo duas estruturas de análise: a cultural-simbólica e a social-econômica (GODSEY, 2013, *apud* MOVILLA, 2018, p.11). Assim, pretende “desvendar os mecanismos de coerção estrutural responsáveis pela histórica subordinação das mulheres aos homens” (SILIPRANDI, 2009, *apud* MOVILLA, 2018. p.14).

Desta forma Movilla (2018), considera que para o ecofeminismo pós-colonial, o ideal é um projeto de sociedade capaz de reconhecer e questionar esse o tripé colonizador do

capitalismo e propor uma emancipação a partir da intersecção de três áreas: feminismo; natureza (entendida como o ambiente natural), ciência, desenvolvimento e tecnologia; e perspectivas locais ou indígenas.

Aquino (2019), uma das primeiras ecofeministas do mundo que podemos destacar foi a indiana Vanda Shiva, que também dirigiu a Fundação para a Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Ecologia (*Research Foundation for Science, Technology and Ecology*), entre os anos 70 e 80, Shiva também fez parte do movimento *Chipko*, em que mulheres indianas protestaram contra a exploração florestal pela indústria, ao abraçar as árvores. Originando a expressão “*treehugger*” (abraçador de árvores em inglês) utilizada para designar as pessoas ambientalistas.

O ecofeminismo reconhece que a natureza não só está viva, mas que é a base de toda a vida e os seres humanos são parte dela, não estão em uma hierarquia superior. Ainda, que as mulheres possuem um grande potencial, de cuidar, criatividade, compaixão e compartilhar entendimentos e conhecimentos empíricos, mas que também possuem capacidade de criar e promover conhecimento científico. (AQUINO, 2019, p.47).

O sentido do movimento ecofeministas é a construção de um entendimento da relação entre os seres humanos e a natureza, mantendo equilíbrio e respeito, promovendo a libertação dos que historicamente foram subordinados.

5 A ECOCRÍTICA E O ECOFEMINISMO NA AMÉRICA LATINA COMO FERRAMENTA NAS AULAS DE ELE: UMA PROPOSTA DIDÁTICA

A educação é umas das ferramentas mais importantes e essenciais para o homem, pois é por meio dela que outras pessoas garantem a aprendizagem do outro. O ensino, a cada dia que se passa de modo geral está cada vez mais criativo, diversificado e interdisciplinar, desta forma possibilitando uma preparação para o estudante tornar-se um cidadão crítico e autônomo. E o educador, tem um papel fundamental neste processo de ensino- aprendizagem. Neste, existe inúmeras formas de provocar o estímulo dos alunos, e aqui queremos destacar o trabalho em conjunto da: língua espanhola, da literatura de autoria feminina e da educação ambiental, disciplinas estas que compõem a ecocrítica e o ecofeminismo.

A língua espanhola, é atualmente uma das línguas mais faladas no mundo. A educação brasileira, regida desde de dezembro de 1996, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no artigo 36, inciso III, fala sobre a contemplação da inclusão de uma língua estrangeira, de caráter obrigatório e escolhida pela comunidade. O ensino e aprendizagem da língua espanhola no Brasil, conquistou um espaço significativo, no ano de 1991 com a formação do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), em 1995 a inclusão desse idioma em provas de vestibulares, outro fato importante que contribuiu para essa expansão foi em 1996 a assinatura da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), lei que propõe o “plurilinguismo.”, em agosto de 2005, o então Presidente da República, promulgou a lei 11.161, cujo objetivo foi incluir nos currículos do ensino médio a língua espanhola. Para Sedycias (2005), “a situação do espanhol no início do século XXI no Brasil é de bonança, de auge e de prestígio”.

Diante de tudo que já foi apresentado neste trabalho, é possível observar que os saberes literários e ambientais podem contribuir para a compreensão e visão interdisciplinar da ecocrítica e do ecofeminismo no ELE, ou seja, os temas transversais podem ter uma enorme contribuição no ELE. Costa (2019), destaca a literatura como sendo um estímulo a aprendizagem do aluno, ela é prazerosa, as vezes leve, divertida e pode se manifestar de diversas

formas proporcionando o entusiasmo que auxilia no desenvolvimento do senso crítico como leitor e capaz de florescer o pensamento.

O texto literário veicula uma modalidade de conhecimento particular que não se assemelha ao saber produzido pela ciência. Sendo ao mesmo tempo representação e análise, a literatura possibilita o resgate da realidade. Essa modalidade de texto, por sua natureza, possibilita a crítica e a contradição através de uma linguagem não linear, isto é, distinta da linguagem comum. O autor aproveita seu conhecimento de mundo, recria essa experiência através dos recursos de seu imaginário e expressa-a por meio da linguagem artisticamente trabalhada. Uma vez que esse texto se relaciona com a realidade e a experiência humana, desempenha uma função muito significativa no aspecto comunicativo, pois auxilia o sujeito a emancipar-se na medida em que pode libertá-lo do processo de massificação a que está submetido pela informação dirigida a qual encobre as contradições e não faz apelo crítico. A linguagem literária, devido a sua especificidade, possibilita uma grande multiplicidade de leituras. Essa modalidade de linguagem, por sua opacidade, remete a uma série de significados autorizados pelo texto os quais precisam ser percebidos pelo leitor, exigindo dele o esforço para construção do sentido. Esse esforço quando executado frequentemente- daí a importância de seu exercício ser enfatizado em sala de aula -, vai oportunizar o desenvolvimento da competência de leitura, tornando o aluno proficiente num aspecto muito significativo para sua vida, pois a leitura competente está profundamente vinculada à educação permanente. PAULO E COSSON, 2014, *apud* Costa,2019, p.22)

O Espanhol, é uma das línguas que mais se produzem clássicos literários, entre eles escritores e escritoras a exemplo de *Don Quijote de la Mancha* de Miguel de Cervantes, *Cien años de soledad*, do autor Gabriel García Márquez, destacamos como autoras Teresa Cárdenas com *Cartas a mi mamá*, *Desolación* de Gabriela Mistral todos estes com obras famosas. Costa (2019), afirma que esse campo literário vasto na língua espanhola, facilita um pouco do trabalho do professor na preparação das aulas, mas por outro lado é preciso ter cuidado na eleição dos textos, estes devem trazer toda uma contribuição de sentido para os alunos, pois devem conter ainda uma adequação ao conteúdo e com o nível de competência dos mesmos.

É evidente que vale a pena trabalhar a poesia na sala de aula. Mas não qualquer poesia, nem de qualquer modo. Carecemos de critérios estéticos na escolha das obras ou na confecção de antologias. Não podemos cair no didatismo emburrecedor e no moralismo que sobrepõe à qualidade estética determinados valores. (PINHEIRO, 2007, *apud* Costa,2019, p.24).

Desta forma, é importante o papel do professor como medidor do conhecimento, cabe a ele fazer com que seus alunos consigam ler, entender e interpretar e inserir a função da literatura em sua vida, capacitando-os como cidadãos críticos.

[...] o estudante não entra em contato com a Literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. [...] Para esse jovem, Literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública. (TODOROV, 2009, *apud* Costa,2019, p.24).

Diante deste contexto, surge a necessidade de reflexão no processo de formação de professores de espanhol. Para algumas pessoas estudar uma língua estrangeira é fácil, que se conclui como em uma memorização de palavras, regras, tradução, porém a prática em sala de

aula nos mostra que o professor de língua estrangeira e específico aqui o profissional de língua espanhola deve estar em constante formação, precisa se atualizar para acompanhar as realidades como também para sua própria formação que exige uma constante mudança. As instituições de ensino superior são as responsáveis pela formação dos professores de espanhol e estas devem seguir as orientações das Diretrizes Curriculares, devem estar cientes das responsabilidades que durante essa formação devem priorizar o domínio e cultura da língua espanhola, para que estes possam vir atuar como professores, pesquisadores, críticos literários, tradutores, intérpretes, revisores de textos, roteiristas, secretários, assessores culturais, entre outras atividades.

Penteado e Rosa (2010), também pensada em uma ferramenta para o ensino da língua espanhola, a educação ambiental surge como instrumento de nova forma de aprendizado e a língua espanhola surge como meio ou vetor para a sensibilidade das questões ambientais na realidade escolar.

[...] À medida que parte da sociedade mundial começou a preocupar-se com a conscientização da necessidade de conservação do meio ambiente, os estudos que buscam garantir a sustentabilidade do lugar em que vivemos precisam ser divulgados e incentivados, principalmente, por meio da educação ambiental. [...]trabalhar a educação ambiental numa perspectiva interdisciplinar, por meio da língua espanhola, é uma possibilidade que precisa ser incentivada, como forma de evidenciar o comprometimento conjunto de uma escola com a mitigação dos problemas ambientais. Penteado e Rosa (2010).

Para os PCN's² (Parâmetros Curriculares Nacionais), a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) o ambiente escolar busca formar cidadãos, possibilitando a consciência dos seus deveres e deveres. Diante dessa afirmação o processo ensino-aprendizagem transcende a questão do apenas transmitir conhecimentos, pois proporciona a transformação de pessoas, desta forma fica evidente que a língua espanhola, pode propor uma troca cultural e interdisciplinar em sala de aula. De acordo com Penteado e Rosa (2010), em 1998 os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), destacam que o ensino de uma língua estrangeira oportuniza ao educando expandir sua “percepção como ser humano e como cidadão” (p. 63), possibilitando ao aluno a compreensão de enquanto cidadão a sua responsabilidade no mundo e o quanto pode intervir nele e não deixando de lado a realidade em que está inserido. Além disso, os PCN's destacam que o ELE deve abordar temas transversais como meio ambiente, ética, saúde, orientação sexual, trabalho, consumo e pluralidade cultural, já que possibilitam que a aprendizagem de línguas traga “a compreensão das várias maneiras de se viver a experiência humana” (p. 63). Dessa forma, evidencia-se a necessidade de contemplar o meio em que se vive no contexto escolar.

Para BNCC³ (Base Nacional Comum Curricular), o grande objetivo é que o estudante não termine sua educação formal tendo visto apenas conteúdos abstratos e descontextualizados,

² Educar e aprender são fenômenos que envolvem todas as dimensões do ser humano e, quando isso deixa de acontecer, produz alienação e perda do sentido social e individual no viver. É preciso superar as formas de fragmentação do processo pedagógico em que os conteúdos não se relacionam, não se integram e não se interagem. Disponível: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf.

³ Os Temas Contemporâneos Transversais têm a condição de explicitar a ligação entre os diferentes componentes curriculares de forma integrada, bem como de fazer sua conexão com situações vivenciadas pelos estudantes em suas realidades, contribuindo para trazer contexto e contemporaneidade aos objetos do conhecimento descritos na BNCC. Apesar de os Temas Transversais não serem uma proposta pedagógica nova, com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nas etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, em dezembro de 2017, e na etapa do Ensino Médio, em dezembro de 2018, eles ampliaram seus

mas que também reconheça e aprenda sobre os temas que são relevantes para sua atuação na sociedade, como é o caso dos temas transversais, hoje conhecidos como: Temas Contemporâneos Transversais (TCTs)⁴, que buscarem uma contextualização do que é ensinado, trazendo temas que sejam de interesse dos estudantes e de relevância para seu desenvolvimento como cidadão.

Os TCTs, no contexto educacional, são aqueles assuntos que não pertencem a uma área de conhecimento em particular, mas que atravessam todas elas, pois delas fazem parte e a trazem para a realidade do estudante. Na escola, são os temas que atendem às demandas da sociedade contemporânea, ou seja, aqueles que são intensamente vividos pelas comunidades, pelas famílias, pelos estudantes e pelos educadores no dia a dia, que influenciam e são influenciados pelo processo educacional. O Conselho Nacional de Educação (CNE) ⁵abordou amplamente sobre a transversalidade no Parecer N° 7, de 7 de abril de 2010:

A transversalidade orienta para a necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). Dentro de uma compreensão interdisciplinar do conhecimento, a transversalidade tem significado, sendo uma proposta didática que possibilita o tratamento dos conhecimentos escolares de forma integrada. Assim, nessa abordagem, a gestão do conhecimento parte do pressuposto de que os sujeitos são agentes da arte de problematizar e interrogar, e buscam procedimentos interdisciplinares capazes de acender a chama do diálogo entre diferentes sujeitos, ciências, saberes e temas (CNE/CEB, 2010, p. 24)

O Parecer ressalta ainda que a transversalidade se difere da interdisciplinaridade, porém ambas são complementares, na perspectiva que consideram o caráter dinâmico e inacabado da realidade. Enquanto a transversalidade refere-se à dimensão didático pedagógica, a interdisciplinaridade refere-se à abordagem de como se dá a produção do conhecimento, como

alcances e foram, efetivamente, assegurados na concepção dos novos currículos como Temas Contemporâneos Transversais(TCTs).Disponível:http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf

⁴ Os Temas Contemporâneos Transversais abordados na BNCC são Ciência e Tecnologia, Direitos da Criança e do Adolescente; Diversidade Cultural, Educação Alimentar e Nutricional, Educação Ambiental; Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais Brasileiras; Educação em Direitos Humanos; Educação Financeira; Educação Fiscal; Educação para o Consumo; Educação para o Trânsito; Processo de envelhecimento, respeito e valorização do Idoso; Saúde; Trabalho e Vida Familiar e Social. (BRASIL, 2017).Disponível:http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf

⁵ O CNE aprovou, por meio da Resolução N° 4, de 13 de julho de 2010, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais (DCNs) para a Educação Básica, que fazem referência à transversalidade e aos temas não disciplinares a serem abordados, seja em decorrência de determinação por leis específicas, ou como possibilidade de organização na parte diversificada do currículo. Ainda em 2010, a Câmara de Educação Básica do CNE aprovou a Resolução N° 7, de 14 de dezembro, que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos e orientações sobre a abordagem dos temas nos currículos: Art. 16: Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual [...]que devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo. (CNE/CEB, 2010, p. 05). Outras resoluções do CNE estabeleceram diretrizes específicas para os alguns temas contemporâneos que afetam a vida humana, dentre elas: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental – Resolução CNE/CP N° 2/2012.Disponível:http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf

uma forma de organizar o trabalho didático pedagógico em que temas, eixos temáticos são integrados às disciplinas, às áreas ditas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas (p. 65).

Depois de tudo que já apontamos no decorrer deste trabalho, vamos nos dedicar neste momento a refletir sobre a importância de trabalhar a ecocrítica e o ecofeminismo nas turmas de ELE a partir de textos literários de autoria feminina, com o objetivo de desenvolver as cinco competências linguísticas (compreensão auditiva, compreensão leitora, expressão oral e escrita e interação comunicativa), incluindo o posicionamento sustentável e crítico dos alunos como nos indica os PCN's, de forma simples e reflexiva no processo de aprendizagem no ELE.

Através do objetivo de trabalhar a ecocrítica e o ecofeminismo na sala de aula do ELE, nos questionamos: Por que não tratarmos com o mesmo grau de igualdade e importância a literatura de autoria feminina no estudo da ecocrítica? por que não proporcionar a reflexão e a prática sobre a ecocrítica e as possibilidades de se tratar a literatura relacionada às questões do meio ambiente? Por que não adotar para os alunos ferramentas que possam ampliar a leitura da literatura em uma perspectiva ecofeminista favorecendo temas interdisciplinar, intercultural, bilíngue, a relação entre os gêneros literários, as artes em geral e às questões ambientais? Nessa perspectiva, a literatura de autoria feminina foi escolhida com o desejo de trazer uma mensagem crítica/reflexiva em sua escrita. Nessa proposta sugerimos o ecofeminismo, dentro do campo da ecocrítica por se tratar de uma proposta interessante, além de despertar ao aluno uma interação maior com a literatura por se tratar de uma disciplina importante para o desenvolvimento do intelecto do indivíduo, como afirma Fillola (2016): Ela se torna um ponto que liga o estudante à língua alvo, a qual, no presente caso, se trata da Língua Espanhola, pela preocupação com as questões ambientais e também pela valorização da escrita feminina.

En la actualidad, a partir de las aportaciones de la teoría, de la crítica y de los estudios literarios se han concebido y se han justificado nuevos procedimientos y opciones de empleo en el aula y de intervención didáctica de los materiales literarios. Gracias a la mediación de estos aspectos teóricos, en los últimos años se ha renovado y matizado la concepción y la nueva presencia de la literatura en el curriculum de lengua extranjera. (FILLOLA, 2016. *apud* Costa, 2019 p. 30)

Assim, nossa proposta didática está ancorada nos PCN's e na BNCC ambos documentos que abordam o trabalho com múltiplas linguagens: os temas transversais baseados nos PCN's que de acordo com eles a educação para a cidadania requer, portanto, que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, os temas transversais de acordo com a BNCC, passaram a ser uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação dos currículos e propostas pedagógicas, ampliados como temas contemporâneos transversais, pois, conforme a BNCC (BRASIL, 2017), são considerados como um conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos têm direito. A eleição de temas transversais, trata sobretudo a discussão sobre a liberdade de escolha, além de promover a crítica das relações e convivências humanas, ou seja, auxilia nas suas relações com várias dimensões da vida social: o ambiente, a cultura, a sexualidade e a saúde.

Portanto, esta proposta tem o sentido de ser aplicada em turmas do 3.º ano do ensino secundário, numa escola que tenha pelo menos uma aula semanal com 40 minutos. Para isso, sugerimos que o professor tenha no mínimo 4 aulas com duração de 40 minutos cada. Ao longo da proposta buscaremos sugerir algumas possibilidades de atividades, criadas por nós a partir da literatura de autoria feminina da América Latina, como também trazer personalidades da atualidade que podemos inserir neste contexto de ecofeminismo na América Latina.

Para nossa primeira aula, sugerimos que o professor inicie a aula fazendo um círculo com as cadeiras da sala, após esse momento, indicamos que o educador faça uma discussão com seus alunos mediada por algumas perguntas que estarão na lousa, sobre algumas questões ambientais: “Qual a importância do meio ambiente para a vida?”, “Quais os problemas ambientais causados pela ação do homem?”, “Quais atitudes podem minimizar ou evitar esses problemas?” Em seguida, o educador fará um breve histórico sobre os problemas ambientais e de forma reflexiva abordar sobre a situação atual do meio ambiente. Depois, o professor irá dividir os alunos em grupos, onde poderão refletir sobre tudo o que foi exposto e eleger um membro do grupo para falar sobre o que entenderam de forma crítica. No final, com os alunos ainda em grupo, ele deve sugerir para que os grupos investiguem os problemas ambientais da realidade da nossa região (América do Sul), e confeccionem cartazes a respeito da importância da preservação ambiental (nos cartazes também devem conter dicas práticas como por exemplo: preservação da vegetação nativa, coleta seletiva, não desperdiçar água, não maltratar os animais silvestres, evitar jogar materiais não degradáveis (plásticos ou outros) no ambiente e etc.) cartazes que falem da Amazônia. Posteriormente, os alunos devem preparar a exposição destes no pátio da escola durante o intervalo, com o objetivo de promover a conscientização, a preservação e a conservação ambiental na comunidade escolar que estão inseridos. Assim, no final da aula desenvolverão de forma simples e clara, a expressão oral, expressão escrita e a interação comunicativa por meio do debate proposto e da expressão.

Na nossa segunda aula, recomendamos que os estudantes retomem o círculo de cadeiras da aula passada e o educador, em seguida faça uma pesquisa em forma de debate para saber o que os alunos acham sobre a relação entre meio ambiente e literatura. Em seguida, com o auxílio de slides o professor, conduzirá a aula, através da explicação de como se dá essa relação entre meio ambiente e literatura. Logo após, continuará a condução da aula de forma que agora incluirá a Ecocrítica como um novo tema no debate, para isso indicamos que o professor fale sobre: como surgiu e o que é a ecocrítica? Ao final destas explicações, será indicado que todos os alunos reflitam, através de um debate sobre tudo o conteúdo da aula, em seguida sugerimos que o professor, peça para seus alunos produzirem um pequeno texto de forma crítica e objetiva, falando sobre o que entenderam sobre a ecocrítica, e no final do texto coloque sua opinião de forma reflexiva sobre a relação entre meio ambiente e literatura. Ao final da aula, mediada por esta atividade simples de reflexão e produção textual os alunos terão exercitado habilidades de compreensão auditiva e de leitura, expressão oral e escrita, além da interação comunicativa através do debate proposto.

Na terceira aula, sugerimos que o professor relembre a aula anterior, com o objetivo de esclarecer na memória de seus alunos o que foi visto. Dando continuidade a esta proposta didática, nesta aula recomendamos, que o professor faça uma discussão com seus alunos mediada por algumas questões, sobre a mulher: “Que imagem de mulher é criada pela nossa sociedade? “Porque é importante a mulher lutar por seu espaço na sociedade e buscar direitos iguais?”, alguém conhece a palavra “empoderamento”? Qual o sentido dessa palavra para vocês? A partir das discussões e análises feitas, o professor dará sequência a aula agora instigando o aluno a compreender e relacionar a temática empoderamento feminino com o movimento feminista, estes que estão interligados e é consequência do outro. Para associar a imagem do feminismo, e com um olhar sobre a atualidade, sugiro que o educador trabalhe uma personalidade latino-americana, que carregue em sua trajetória o histórico como sendo de uma mulher feminista, forte, empoderada, com atitudes e voz. Sugerimos trabalhar com a Colombiana, Francia Elena Márquez Mina ⁶mulher, negra, ativista na luta contra o racismo, o

⁶ Francia Elena Márquez Mina é natural da cidade de Suárez, região de La Toma, no departamento Cauca, tem 40 anos e iniciou sua vida política defendendo a sua comunidade de projetos de extração mineira. Ela foi mãe solo

machismo e as questões ambientais e atualmente tornou-se a primeira mulher negra da história colombiana a ocupar o cargo de vice-presidente. Com o objetivo de aprofundar a discussão sobre a representação da mulher a partir do movimento feminista, acreditamos que seria interessante o professor apresentar o caminho de desafios diários na trajetória pessoal de Francía Márquez para elucidar suas conquistas históricas na América Latina. Com o auxílio do data show, o professor fará uma apresentação a partir de slides onde apresentará a princípio sua biografia, em seguida irá abordar seus lemas de vida nos processos sociais e por fim abordar o que despertou nela essa grande paixão pela defesa do meio ambiente. Para fechar esse momento, recomendamos que o professor faça a exibição de uma entrevista⁷ curta apresentada pelo fantástico em ocasião da sua última passagem pelo Brasil em julho deste ano. E em seguida, o professor concluirá refletindo sobre a mensagem de como muitas mulheres ainda hoje sofrem por serem vítimas de um sociedade machista e patriarcal, e a voz da incrível trajetória inspiradora de uma mulher, mãe solteira, negra, advogada, Feminista, antirracista, revolucionária, ativista ambiental e poeta vem contribuindo na história do seu país e da América Latina. Ao final da aula, os alunos desenvolverão a compreensão leitora e auditiva - por meio da vídeo exibido além da criticidade e reflexão sobre interligação entre o empoderamento feminino e movimento feminista, seguido por uma voz que com o olhar de hoje podemos considerar como uma ecofeminista, além disso foi possível desenvolver a expressão oral e a interação comunicativa através da reflexão de todas as questões colocadas aos alunos sobre os temas trabalhados.

Na quarta e última aula, sugerimos que o professor faça uma aula mais dinâmica, proporcione um café literário. A princípio, ele irá explicar como vai acontecer a dinâmica da aula, após esse momento, indicamos que o educador faça uma discussão com seus alunos apresentando para eles, uma importante voz da poesia latino américa, a poetisa Gabriela Mistral⁸ (Chile), autora única, mística, carregada de singularidade e lirismo, que carrega no seu discurso um interesse amplo de temas em sua literatura. Vale ressaltar que além das abordagens de questões que envolvem expressão ecocrítica, a exemplo do poema *La Tierra* (Anexo A). Dando

aos 16 anos e ainda adolescente começou a trabalhar com a mineração artesanal. Aos 21 anos deu à luz a sua segunda filha. Formou-se técnica agropecuária pelo Serviço Nacional de Aprendizagem (SENA). "Sou parte daqueles que alçam a voz para parar a destruição dos rios, florestas e planaltos. daquelas pessoas que sonham que os seres humanos podem mudar o modelo econômico de morte para dar um passo a um modelo que garanta a vida", disse.

Em 2015, Francía ganhou o Prêmio Nacional de Direitos Humanos após organizar a "marcha dos turbantes", uma caminhada com centenas de mulheres negras que percorreram cerca de 600km de Suárez até o Ministério de Justiça, em Bogotá, para denunciar o garimpo ilegal nas suas comunidades. Três anos mais tarde, a ativista voltou a ser premiada, desta vez com o *Goldman Environmental Prize*, considerado o Nobel do setor ambiental. "Na nossa comunidade, aprendemos que a dignidade não tem preço. A amar e valorizar o território como espaço de vida, e a lutar por ele, inclusive pondo em risco nossa própria vida", disse ao receber o prêmio. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2022/06/20/quem-e-francia-marquez-a-primeira-mulher-negravice-presidenta-na-colombia>>

⁷ Entrevista exibida pelo Fantástico, em que a jornalista Maju Coutinho a entrevista em ocasião da sua última passagem pelo Brasil neste ano. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10828672/?s=0s>>.

⁸ Gabriela Mistral (1889-1957) foi uma poetisa, educadora e diplomata chilena, primeiro nome da América Latina a vencer o Prêmio Nobel de Literatura. Gabriela Mistral, pseudônimo literário de Lucila de Maria del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga, nasceu em Vicuña, no Norte do Chile, no dia 7 de abril de 1889. Era filha de um professor, descendente de espanhóis e índios. Desde cedo, demonstrou um interesse duplo: tanto pela escrita como pela docência. Com 16 anos decidiu se dedicar à carreira de professora. Quando estava com 18 anos, seu namorado se suicidou, fato que marcou sua obra e sua vida. Em 1914, quando tinha 25 anos, ganhou um concurso de poesia nos Juegos Florais de Santiago, com "Sonetos de La Muerte" – começava a nascer "Gabriela Mistral", nome criado em homenagem aos poetas que admirava o italiano Gabriele D'Annunzio e o francês Frédéric Mistral. Em 1922, publicou seu primeiro livro de poesias, "Desolación", onde incluiu o poema "Dolor", no qual fala do suicídio de seu namorado. Disponível em: https://www.ebiografia.com/gabriela_mistral/.

continuidade a esta proposta didática, recomendamos que o professor, disponibilize agora alguns poemas de autoria de Gabriela Mistral, já com os poemas em mãos, os alunos terão 2 minutos para fazer uma breve leitura. Em seguida, irão ler seus poemas, durante a leitura de cada poema, os estudantes devem ir expondo e discutindo sobre os referidos textos, expressando seu entendimento e sua opinião pessoal. Além disso, os estudantes também podem debater sobre o vocabulário presente nos poemas, se havia palavras desconhecidas ou não; de modo que os colegas possam auxiliar, na tradução. Dado por encerradas as apresentações, tivemos uma ocasião de maior descontração, o momento do café da manhã, em que se pôde manter pequenos diálogos na Língua Espanhola, lanchar e ouvir músicas de cantoras latinas americanas. Concluindo, ao final desta aula e a partir das atividades propostas para os alunos, o professor terá trabalhado as cinco habilidades linguísticas (compreensão auditiva e leitora, expressão oral e escrita e interação comunicativa) simultâneo com o posicionamento crítico dos alunos, usando poemas, como ferramenta da ecocrítica e música como ferramenta para vozes femininas da América Latina.

6 CONCLUSÃO

No mundo contemporâneo que estamos vivendo, somos cientes da crise ambiental que assola o mundo, onde se faz urgente a adoção de medidas para mitigar a mesma. E como superar essa crise? Só iremos conseguir superar essa situação, após compreendermos e avaliarmos de modo atencioso os impactos causados pela ação da atividade antrópica sobre o meio ambiente. Precisamos propor condutas para avaliar o comportamento humano, para não permitir o poder de exploração das riquezas naturais que nos cerca.

Como foi possível observar nesse trabalho, os saberes ambientais podem sim contribuir para compreender a literatura, como também proporcionar uma visibilidade interdisciplinar nos níveis mais variados de ensino, em especial nas salas de ELE, a qual abordamos nesse trabalho. A literatura, aqui representada pela ecocrítica e o ecofeminismo e como toda manifestação cultural, reverbera a realidade, mas por outro lado, a influi e a molda. Assim, a partir dessa investigação, a literatura sempre surge em forma de resposta a uma necessidade própria do homem, nesse caso, trabalhar com a necessidade de tomada de consciência através da ecocrítica e ecofeminismo, no que se refere aos problemas ambientais. Desta forma, esses movimentos se apresentam como uma forma crítica de análise ambiental sobre os estudos literários.

Através desse estudo, observou-se que no decorrer da história, a mulher foi deixada de lado no contexto literário e também em outras áreas, na América Latina, ainda hoje é possível ver traços machistas e discriminatórios deixados na sociedade. Porém, a atenção dos movimentos feministas na construção de uma cultura de proteção ambiental é notória, isso se deve a importância de uma maior atenção as pesquisas na literatura de autoria feminina, de forma que acarreta nas conquistas permitindo a voz e visibilidade a suas produções ocuparem lugares de destaques. Por meio desse estudo, compreendemos que o feminismo se mantém vivo e forte com demandas novas de exigências das mulheres na contemporaneidade da

América Latina. A literatura de autoria feminina, como escreve Brito (2021), “permanece à margem, ainda constituindo uma minoria dentro do amplo campo da literatura mundial. Por isso, a literatura de autoria feminina representa uma transgressão.” Neste contexto fica evidente uma maior demanda pela escrita das mulheres nas academias e no mercado, apesar de autoras de séculos passados continuarem no esquecimento. Neste sentido, a crítica feminina

desempenha a função na ação pela restauração de autoras esquecidas, tornando-se uma luta de coragem, resistência, valorização e conquistas para as futuras gerações de escritoras.

O meio ambiente faz grandes conquistas a partir do momento que proporciona um novo jeito de se ler textos literários, de forma que quem está lendo reflita, compreenda e possa mergulhar na conexão do meio em que os cercam. Assim, esses dois movimentos a ecocrítica e o ecofeminismo trabalham como uma ferramenta para que tanto a ecologia quanto os estudos literários ouçam a voz da natureza, assim como podemos ouvir as vozes de Francisca Márquez, que nos transmite mensagens através de suas ações ativistas na luta pelo meio ambiente, e a poesia de Gabriela Mistral, que usa da sua poesia para passar sua “mensagem”, por tanto, observa-se o interessante discurso pela corrente crítica, possibilitando a transformação através dessas falas com a função social de sensibilizar no que diz respeito do desenvolvimento sustentável do meio ambiente.

No presente trabalho, investigamos o papel de vozes femininas no contexto de América Latina, a partir da ecocrítica e o ecofeminismo, como ferramentas a mais que podem contribuir com o ensino de língua espanhola, além disso proporcionam um despertar e sensibilizar o comportamento do homem em defesa do meio ambiente. Com o objetivo de promover o debate sobre esses temas, fundamentamos o trabalho com debates, personalidade referência e poesia no processo de ensino/aprendizagem do ensino de língua espanhola, estes vistos como recursos acessíveis e possíveis no posicionamento crítico-reflexiva-autônoma a princípio como alunos, e também por fazer parte como cidadãos de uma sociedade plural e complexa, aumentando de forma positiva as práticas sociais.

Para esse propósito, criamos uma proposta didática: dinâmica e simples que trabalhou com a ecocrítica feminista nas aulas de ELE por meio dos fundamentos já mencionados, pelos quais foi possível desenvolver as cinco habilidades linguísticas (audição e compreensão de leitura, expressão oral e escrita e interação comunicativa), simultaneamente com a posição crítica dos alunos. Lembramos que, caso essa proposta seja realizada na prática de algum educador, está pode sim vir a sofrer alterações, devido a necessidade ao longo das aulas em razão da realidade dos alunos.

Por fim, desejamos que tenham a oportunidade de aprender um segundo idioma e que haja um aumento dos estudos ecocríticos, ou seja, estudos que envolva a relação entre literatura e o meio ambiente, em outras áreas, como o presente estudo, que foi investigado e inserido no ensino da língua espanhola, por meio de um repertório teórico e didático, combinando o discurso literário ao ecológico, dentro de uma proposta interdisciplinar, e tendo como ferramenta de análise a ecocrítica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. **Literatura e Meio ambiente: Vidas Secas, de Graciliano Ramos e Bichos, de Miguel Torga numa perspectiva ecocrítica**. 2008. Dissertação (Literatura e Interculturalidade), Universidade Estadual da Paraíba, CAMPINA GRANDE – PB, 2008. Acesso em 26/10/2014.

AQUINO, Adrieli Laís Antunes. **Ecofeminismo: A luta pela liberdade da “mãe-terra”**. 2019. Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Direito - UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa (RS), 2019.

Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/6333>. Acesso em 04/11/2011.

BRITO, Mariana Gonçalves Campos de Brito. **Literatura de Autoria Feminina na América Latina**. 2021. Monografia Bacharel em Letras na habilitação Português/Espanhol- UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/14541/1/MGCBrito.pdf>. Acesso em 15/10/2022.

CABANILLAS, Rolando Eli Quispe. CISOTTO, Mariana Ferreira. MOREIRA, Fabiano de Araújo. PROBLEMÁTICA AMBIENTAL NA AMÉRICA LATINA EM SUAS DIVERSAS ESCALAS GEOGRÁFICAS. In: VII Semana de Geografia da Unicamp, 2011, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: 2011. p15-18. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/semanageounicamp/article/view/3400>. Acesso em 19/10/2022.

CORREIA, Fernanda Bezerra de Aragão. **Literatura e Meio ambiente: Uma Abordagem Ecológica em Manoel de Barros**. 2019. Tese (Desenvolvimento e Meio Ambiente) – UFS Universidade Federal de Sergipe, SÃO CRISTOVÃO, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/12462?locale=en>. Acesso em: 03/10/2022

COSTA, Altina Florência Ferreira da. **A literatura como ferramenta Pedagógica no Ensino-Aprendizagem de Língua Espanhola**, 2019. Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Licenciada em Letras, habilitação em Língua Espanhola – UFPB Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14401>. Acesso em 24/11/2022.

LIMEIRA, Kátia Cristina Cavalcante, RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO II, UEPB – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB, 2021.

MOVILLA, Carolina Azevedo. **Mulher, Natureza, sul global e o contrato social: Um olhar ecofeministas sobre o direito**. 2018. Monografia graduação em Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/6222>. Acesso em 03/11/2022.

Penteado, L. M. P., & Rosa, M. B. da. (2010). A língua espanhola como ferramenta para prática da educação ambiental. *Revista Monografias Ambientais*, 1(1), 133–147. <https://doi.org/10.5902/223613082296>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/2296>. Acesso em 18/11/2022.

POTT, Crisla Maciel e ESTRELA, Carina Costa. Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento. **ESTUDOS AVANÇADOS, Dilemas ambientais e fronteiras do conhecimento II** • Estud. av. 31 (89) • Jan-Apr 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890021>. Acesso em 21/09/2022.

SOARES. Angélica. Apontamentos para uma crítica literária ecofeministas. **REVISTA GARRAFA**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa/garrafa18/apontamentosparauma_angelicasoares.pdf. Acesso em 21/09/2022.

APÉNDICE A – Poema - LA TIERRA (Gabriela Mistral)

Niño indio, si estás cansado, tú
te acuestas sobre la Tierra, y lo
mismo si estás alegre, hijo mío,
juega con ella...

Se oyen cosas maravillosas al
tambor indio de la Tierra:

se oye el fuego que sube y baja
buscando el cielo, y no sosiega.
Rueda y rueda, se oyen los ríos en
cascadas que no se cuentan. Se
oyen mugir los animales; se oye
el hacha comer la selva.

Se oyen sonar telares indios.

Se oyen trillas, se oyen fiestas.

Donde el indio lo está llamando, el
tambor indio le contesta,

y tañe cerca y tañe lejos, como el
que huye y que regresa...

Todo lo toma, todo lo carga el
lomo santo de la Tierra: lo que
camina, lo que duerme, lo que
retoza y lo que pena; y lleva
vivos y lleva muertos el tambor
indio de la Tierra.

Cuando muera, no llores, hijo:
pecho a pecho ponte con ella y si
sujetas los alientos como que
todo o nada fueras, tú escucharás
subir su brazo que me tenía y que
me entrega y la madre que estaba
rota tú la verás volver entera.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço imensamente a Deus, por ter me guiado, me iluminado, e acima de tudo, por ter me dado forças para superar meus momentos difíceis ao longo desta caminhada. E a Nossa Senhora das Graças, por sua poderosa intercessão de mãe amorosa, que sempre está a me cuidar. As irmãs Clarissas, por sempre está em suas orações.

Aos meus avós maternos, Severino Eufrásio do Nascimento (in memoriam) e Maria de Lourdes Limeira Eufrásio, por contribuir na formação do ser humano que hoje sou.

Aos meus pais, Márcia Cristina Limeira e Joseilton Cavalcante de Sousa, que sempre me incentivaram nos estudos e aos meus irmãos: Vialle, Neto, Elisa, João Pedro e João Vitor que torcem a cada dia por mim, aos meus amados Sobrinhos: José Artur e Guilherme.

Agradeço, a todos os meus amigos em nome de Dona Bernadete de Lourdes Batista, por inúmeras vezes me acolher em sua casa e me incluiu como parte da família.

A Maria Angélica Miná, um presente que fui agraciada também durante essa caminhada, agradeço pelo zelo, pois estava sempre perto, me dando carinho, atenção e ajuda nesta reta final.

Aos meus colegas de turma em especial: Gleice, Milena, Emanuele, Raquel, Kelvin, Nieli, Lívia Syomara, Fernanda, Ricardo e Emília pelo companheirismo, colaboração e compreensão, quando não mediram esforços para que eu não desistisse e chegasse até aqui.

Em especial, aos professores que marcaram minha vida acadêmica, aqui quero expressar minha gratidão a todos em nome de um ex professor, Antônio Carlos Neto, ao meu orientador Alessandro Giordano e aos professores que fizeram parte da minha banca, Professor Thales Lamonier e Professor Kaio César Pinheiro meu muito obrigada, por cada ensinamento e por todas as oportunidades que me proporcionaram, contribuindo para a minha formação profissional e humana.

A palavra de hoje e sempre, é: GRATIDÃO!